

Dr. Dave Mathewson, Literatura do Novo Testamento,

Aula 6 Gênero e Sinópticos

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson apresentando sua História e Literatura do Novo Testamento, palestra 6, Gênero e os Sinópticos.

Tudo bem, vamos em frente e começar. Vamos abrir com oração e então encerramos o último período de aula, que foi na segunda-feira ou algo parecido.

Parece que toda a minha semana foi interrompida, mas na segunda-feira terminamos falando um pouco sobre os diversos tipos ou formas literárias, os gêneros literários do Novo Testamento. Começamos falando sobre narrativa, que compõe os Evangelhos e o Livro de Atos, embora Atos seja um tipo de literatura um pouco diferente dos Evangelhos. Eles se assemelham por serem narrativas, representações de determinados personagens e suas falas e determinados acontecimentos.

Veremos duas outras formas literárias ou tipos literários dominantes que compõem o Novo Testamento. Novamente, dissemos que o que é significativo sobre isso é que o Novo Testamento contém formas e tipos literários que podem ou não corresponder às formas e tipos literários com os quais estamos acostumados hoje. Precisamos tentar compreender o modo como os autores escreviam no primeiro século.

Que formas literárias eles utilizaram e como isso poderia afetar a maneira como lemos e interpretamos certos textos do Antigo Testamento? Terminaremos discutindo o gênero narrativo, falaremos um pouco sobre cartas ou epístolas e, em seguida, um tipo literário final, e então começaremos a falar sobre os Evangelhos. Embora provavelmente não começaremos a falar sobre textos ou livros específicos do Evangelho até segunda-feira. Esperançosamente, podemos começar a apresentá-los hoje.

Vamos abrir com oração e depois falaremos um pouco sobre os tipos literários do Novo Testamento. Pai, agradecemos-lhe o privilégio e a responsabilidade de estudar o que é nada menos que a sua revelação para nós. Oro para que tenhamos uma maior apreciação, consciência e compreensão do texto do Novo Testamento tal como foi produzido num contexto histórico, cultural, literário e linguístico específico, ao mesmo tempo que afirmamos que ele continua a funcionar para nós. hoje como nada menos que a Palavra de Deus.

Rezo para que possamos compreendê-lo a partir dessas perspectivas, em toda a sua riqueza e variedade. Oramos para que você guie nossa discussão hoje e nos dê sabedoria e visão sobre sua revelação para nós. Em nome de Jesus, oramos, amém.

Tudo bem, então falamos um pouco sobre narrativa em preparação para olharmos para os Evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, que dissemos que estão organizados ou ocorrem no Novo Testamento, não em sua ordem cronológica, a ordem em que eles aparecem. foi escrito. Pelo menos Mateus e talvez Lucas teriam sido escritos mesmo depois das epístolas e cartas de Paulo, e é possível que Mateus, Marcos e Lucas nem tenham sido escritos nessa ordem. Mas, em vez disso, o Novo Testamento está organizado de forma mais lógica.

Mas os quatro Evangelhos constituem um grupo de escritos que se enquadram no gênero narrativo. E como dissemos, é importante compreender no primeiro século como isso teria sido visto e como isso teria sido entendido. Na narrativa ou biografia do primeiro século, os Evangelhos enquadram-se, na sua maior parte, muito bem na categoria das biografias greco-romanas do primeiro século.

A diferença entre os Evangelhos e as biografias modernas é que as biografias do primeiro século, especialmente os Evangelhos, não parecem estar interessadas em fornecer um relato passo a passo ou um relato detalhado de tudo o que uma pessoa fez em sua vida. vida e tudo o que eles disseram. Mas em vez disso, os Evangelhos parecem ser muito mais seletivos. Isto é, os Evangelhos são, na verdade, escritos a partir de uma perspectiva teológica particular.

E veremos isso. Quando olhamos para os quatro Evangelhos, uma das coisas que vamos perguntar é por que quatro Evangelhos? Por que a igreja primitiva simplesmente não agrupou todos eles em uma grande narrativa e relato histórico da vida, dos ensinamentos e dos feitos de Jesus Cristo? Mas em vez disso, a igreja permitiu quatro Evangelhos diferentes como base. Assim, os Evangelhos são escritos por autores que têm um ponto teológico, algo que querem transmitir, uma reviravolta na história do Evangelho e no relato da vida de Jesus.

E o que eles fazem é que são muito seletivos no que incluem e como registram para transmitir seu ponto de vista. Uma das perguntas que faremos é: por que apenas Mateus e Lucas contêm a chamada história do Natal? Por que apenas Mateus e Lucas contêm um relato do nascimento de Jesus, enquanto Marcos não parece interessado nisso? E João parece captar isso em uma breve declaração ou versículo bem no início de seu Evangelho. E então, quando você compara Mateus e Lucas, as histórias de Natal deles são muito diferentes.

Lucas tem pastores vindo visitar Jesus. Mateus não diz nada sobre isso. E em vez disso, cerca de um ano depois, ele está mais interessado em que esses magos, esses astrólogos estrangeiros, venham visitar Jesus.

Então, por que eles fazem isso? E aí? Então, o que você pode ver, porém, é que uma narrativa do primeiro século ou uma biografia do primeiro século, especialmente encapsulada nos Evangelhos, não estavam interessados em fornecer um relato detalhado da vida da pessoa, desde o nascimento até a morte. Em vez disso, eles eram muito mais seletivos. A fim de comunicar o ponto teológico que estavam tentando transmitir, os autores seriam seletivos nos eventos que registraram e, muitas vezes, na forma como os registraram, explicando, portanto, as diferenças que você vê entre Mateus, Marcos, Lucas e João.

E também levando em conta o fato de que você não tem, exceto por alguns versículos curtos em Lucas, você não tem nada sobre a primeira infância de Jesus em nenhum dos Evangelhos, simplesmente porque eles não estão interessados em lhe contar tudo o que havia para acontecer. Saber sobre Jesus. A outra coisa a saber sobre a biografia greco-romana do primeiro século é que quando se trata de registrar o que alguém disse, no seu discurso, no primeiro século era muito mais comum resumir do que fazê-lo, como estamos interessados em colocar algo entre aspas e relatar palavra por palavra tudo o que alguém disse. Em vez disso, parece que os escritores do primeiro século estavam muito mais interessados em resumir o significado e a essência do que alguém disse, captando a voz em vez do verbo ou palavras exatas que um autor disse.

Na verdade, se Jesus falou principalmente em aramaico e os Evangelhos foram escritos em grego, então temos na verdade uma tradução do que Jesus disse. E, de fato, como falamos em outra de minhas aulas, se você se sentar e ler o Sermão da Montanha de Jesus em uma tradução moderna, provavelmente levará cerca de, não sei, dez minutos ou então, para lê-lo, dependendo de quão rápido, lento ou contemplativo você o lê. Eu realmente duvido que Jesus tenha falado dez minutos naquele dia.

Mais provavelmente, o Sermão da Montanha é um resumo preciso e adequado do que Jesus disse e do que exatamente Jesus estava tentando transmitir. Portanto, há momentos nos Evangelhos em que talvez os autores contenham palavras exatas ou próximas das palavras, especialmente se Jesus falou em aramaico e os nossos Evangelhos estão em grego, então temos traduções gregas do que Jesus disse. Mas fora desses casos, provavelmente a maioria dos discursos de Jesus são mais resumos, resumos precisos e adequados do que Jesus disse.

E no primeiro século ninguém teria pensado diferente. Pode ser um pouco análogo a quando, por exemplo, quando temos uma reunião do corpo docente aqui em Gordon, as atas têm cerca de duas ou três páginas, mas a reunião dura uma hora inteira. Ninguém culparia um secretário de uma reunião do conselho por resumir na ata o que alguém disse.

Desde que transmita de forma precisa e adequada o que foi dito, os minutos passarão e ninguém pensará duas vezes. Às vezes, isso pode ser um pouco análogo ao que encontramos nos Evangelhos, que são resumos do que Jesus comunicou e do que ele ensinou, embora, novamente, sejam resumos precisos e adequados. Então, veremos isso quando se trata de como isso afeta a maneira como lemos os Evangelhos.

O segundo gênero é epistolar. Este pode ser um assunto com o qual estamos mais familiarizados, mas mesmo assim, as epístolas do primeiro século poderiam divergir do que fazemos quando escrevemos epístolas hoje. As epístolas no primeiro século eram uma forma muito comum de comunicar praticamente qualquer tipo de informação.

Eles poderiam ser usados para transações comerciais. Eles poderiam ser usados até mesmo para tratados filosóficos e qualquer coisa intermediária. Portanto, você pode usar uma carta para enquadrar e comunicar praticamente qualquer tipo de informação.

O que a maioria das pessoas ignora é que o último livro da Bíblia, o livro do Apocalipse, é na verdade uma carta. Está emoldurado em forma de carta. Assim, uma carta poderia ser usada no primeiro século para comunicar praticamente qualquer tipo de informação.

Também era bastante bem estilizado. Ou seja, tinha um formato bastante comum que um escritor do primeiro século seguiria. Então, quando você olha para as cartas de Paulo, por exemplo, a maioria delas, embora se desviem de maneiras significativas, elas, em sua maior parte, seguem um formato e uma maneira de escrever muito comuns no primeiro século.

Na verdade, temos uma série de cartas que foram descobertas, escritas durante o primeiro século, que testificam como eram as cartas do primeiro século nas cartas de Paulo. Embora existam mais do que isso, não há nada menos do que cartas comuns do primeiro século, onde você poderia comunicar sobre qualquer coisa na forma de uma carta. Algumas outras coisas sobre cartas, número um, uma carta muitas vezes funcionava também como uma espécie de substituto da presença do locutor.

Então, você escreveria uma carta se tivesse algo importante a dizer a alguém e não pudesse estar na presença dela, uma carta seria um substituto para isso. Assim, as cartas eram muitas vezes substitutas da autoridade apostólica de Paulo, e ele esperava que os leitores as levassem com a mesma seriedade com que tratariam Paulo se ele estivesse presente para se dirigir a elas pessoalmente. Assim, as cartas poderiam funcionar como substitutas da presença do locutor.

A outra coisa também é que existem diferentes tipos de cartas hoje, havia diferentes tipos de cartas no primeiro século, e há algumas cartas que Paulo escreve que se assemelham a tipos muito comuns de cartas do primeiro século. cartas, e isso realmente faz uma pequena diferença na maneira como você lê e interpreta a carta. Veremos isso quando chegarmos lá. Mas, novamente, as cartas eram apenas uma forma muito comum de comunicação.

Paulo não inventou essas cartas ou o formato das cartas, ele estava apenas seguindo uma forma padrão de comunicar informações no ambiente greco-romano do primeiro século. Esse tipo de gênero epistolar também se reflete, provavelmente, até certo ponto, no livro de Hebreus, em 1 e 2 Pedro, nas cartas de João e em Judas, e como eu disse, até mesmo o Apocalipse na verdade tem a forma de uma carta. O último tipo literário que realmente compreende apenas um livro, e esse é o livro do Apocalipse, é um apocalipse.

Falaremos mais sobre isso quando chegarmos ao livro do Apocalipse, no final do semestre, porque estou convencido de que compreender o gênero literário deste livro é crucial e essencial para evitar a forma como o Apocalipse tem sido frequentemente tratado e às vezes abusado. Novamente, precisamos entender que o livro de Apocalipse é simplesmente escrito, foi recebido pelo autor e escrito numa forma literária muito comum no primeiro século, junto com a carta, uma forma literária conhecida ou que rotulamos como um apocalipse. Basicamente, um apocalipse era um relato autobiográfico em primeira pessoa de uma experiência visionária.

Então, quando você lê o livro de Apocalipse, que começa no capítulo 4, João diz, eu vi o céu aberto, e então é dito a João que suba e ele vá para o céu. Isso era comum em apocalipses escritos aproximadamente entre 200 AC e 200 DC, aproximadamente 200 anos antes e depois da escrita do livro do Apocalipse. Então, você pode encontrar traduções em inglês de vários desses apocalipses.

Posso apontar essa direção se você estiver interessado, mas a questão é que o livro de Apocalipse de João não é o único. Não surgiu do nada. Ele segue um método muito comum de escrever, de receber uma revelação de Deus, mas depois registrá-la para seus leitores, conhecido como apocalipse.

Novamente, basicamente, é um relato em primeira pessoa de uma experiência visionária e geralmente é comunicado em linguagem altamente simbólica. É comunicado nos símbolos de feras estranhas e imagens e coisas assim, e a chave é tentar descobrir onde está o autor, qual é o pano de fundo dessas imagens. O que eles querem dizer? O que eles teriam comunicado aos leitores do primeiro século? Não tanto o que parecem significar para nós no século XXI. Então, falaremos mais sobre Apocalipse quando chegarmos lá, mas pelo menos no Novo Testamento, é o único exemplo de apocalipse.

No entanto, não é o único exemplo de apocalipse no primeiro século. Foram numerosos. Era um tipo literário bastante comum com o qual os leitores estariam familiarizados quando o ouvirem pela primeira vez ser lido para eles.

Tudo bem, isso é apenas uma amostra da diversidade de tipos literários. Mesmo dentro desta literatura, existem diversos tipos de tipos literários. Alguns deles veremos.

Por exemplo, passaremos algum tempo examinando as parábolas. O que é uma parábola? Uma das formas comuns de ensino de Jesus. Novamente, a parábola teria sido uma forma literária ou meio de ensino muito comum no primeiro século.

E assim, por mais distintos que fossem seu ensino e conteúdo, sua forma teria seguido o que seria comum e reconhecível entre os ouvintes e leitores do primeiro século. Então, quando chegarmos a livros diferentes, faremos a pergunta: como o gênero literário ou tipo literário afeta a forma como abordamos este livro e como o lemos? Agora, para ampliar um pouco mais, quero começar a falar mais especificamente sobre os Evangelhos antes de começarmos a examinar os próprios textos específicos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Gostaria apenas de fazer algumas observações gerais sobre a forma como as abordamos.

Uma questão é: podemos confiar em nossos Evangelhos? E com isso quero dizer, podemos confiar que, quando lemos os Evangelhos, eles nos fornecem relatos precisos e confiáveis sobre o que Jesus fez e o que Jesus disse? Ou deveríamos entendê-los como mais fictícios ou como uma invenção da igreja do que eles pensavam que Jesus fez e disse ou do que eles queriam fazer com que Jesus estivesse fazendo e dizendo? Então, podemos confiar nos Evangelhos? Isto é, será que eles, até certo ponto, nos fornecem relatos e informações confiáveis e precisos sobre os ensinamentos de Jesus e as coisas que ele fez? Você provavelmente conhece CS Lewis. Alguns de vocês conhecem o conhecido trilema de CS Lewis. Acho que ele defendeu isso em um livro que você usou, vários anos atrás, antes da aula da Grande Conversação, uma espécie de aula do tipo seminário para calouros conhecida como Cristianismo, Caráter e Cultura.

E um dos livros que você leu, o primeiro, eu acho, foi Mere Christianity, de CS Lewis. Alguns de vocês talvez já tenham lido isso. E acho que é aí que ele defende o que foi chamado de trilema de Lewis.

Isto é, quando você lê os relatos de Jesus nos Evangelhos e o que Jesus afirma, Jesus era um mentiroso, um lunático ou era o Senhor. Isto é, Jesus estava mentindo sobre quem ele era. Quando Jesus afirmou ser o Filho de Deus e afirmou que morreria pelos pecados da humanidade e que ressuscitaria, Jesus estava mentindo ou talvez Jesus estivesse simplesmente louco.

Ele era um lunático. Ele não sabia do que estava falando. Ele ficou tão perturbado que o que estava dizendo não tinha base alguma na realidade.

Ou Jesus era quem ele afirmava ser. Ele era Senhor. E, claro, Lewis argumenta que é a última opção.

O problema é que Lewis deixou um quarto de fora. E essa é, de fato, uma pergunta que você deve fazer antes de fazer essas três perguntas. E isto é se os Evangelhos são lendas.

Alguém poderia afirmar que Jesus, sim, Jesus era o Senhor como afirmava ser, mas os Evangelhos são relatos fictícios e lendários que não devem ser levados a sério. Portanto, é preciso lidar com essa questão antes de podermos lidar com o mentiroso, o lunático ou o Senhor de Lewis. Na verdade, tem havido uma série de tentativas de fazer a pergunta: quem foi Jesus? Então, essa é a primeira pergunta em suas anotações.

Quem de fato foi Jesus? Na verdade, uma forma muito popular que se tornou popular há pouco tempo por meio de um livro parecido com este, O Código Da Vinci, de Dan Brown. Mas acho que já nos referimos a isso antes, mas o que Brown estava dizendo era na verdade uma versão popularizada do que muitas vezes é feito nos círculos acadêmicos. E isso significa ver Jesus, ou ver os Evangelhos, não como relatos historicamente confiáveis ou relatos históricos sobre Jesus, mas, novamente, seguindo um tipo de gênero mais lendário ou ficcional.

Portanto, os Evangelhos não pretendem dar-nos um relato histórico de quem Jesus foi e do que ele disse, mas em vez disso, os Evangelhos reflectem, na visão de Brown e na visão de outros, reflectem mais a teologia da igreja primitiva. Em outras palavras, foi a teologização e o pensamento da igreja primitiva que fizeram de Jesus o Senhor. Na verdade, Jesus, na verdade, muitos estudiosos pensam que não podemos saber praticamente nada sobre Jesus.

Se você retirar todas as cascas, o cerne histórico no centro do Evangelho, basicamente tudo que você sabe sobre Jesus é que ele era um homem no primeiro século que vagou pela Palestina ensinando coisas boas e finalmente foi condenado à morte pelo que acreditava. . Isso é tudo que podemos saber sobre Jesus. Todo o resto é basicamente esse pequeno núcleo de Jesus que foi sobreposto e meio que exagerado com base na fé da igreja.

Em outras palavras, os Evangelhos não refletem quem era Jesus. Refletem quem a igreja acreditava que ele era, o que a igreja ensinava que ele era e o que a igreja pensava que ele era. Então, Jesus realmente não era o filho de Deus que morreu

pelos pecados da humanidade e ressuscitou dos mortos, mas sim, ele veio do céu, que era Deus encarnado.

Em vez disso, isso novamente reflete a fé da igreja. Era quem a igreja pensava que ele era. Mas se você tirar isso, tudo que você tem é apenas um ser humano que ensinou coisas boas no primeiro século e foi condenado à morte por aquilo que acreditava.

Então, a questão é: os Evangelhos são mais um reflexo da fé da igreja e de quem eles pensavam que Jesus era, ou os Evangelhos realmente nos fornecem informações confiáveis e historicamente verificáveis sobre o que Jesus ensinou e quem ele realmente era? ? Isto é, podemos confiar nos Evangelhos? Fornecem-nos um retrato preciso de Cristo, quem ele era e o que fez? Ou são os Evangelhos simplesmente um reflexo da teologia da Igreja, da sua fé e do seu pensamento? E eles refletem quem a igreja fez de Jesus. Isso também está encerrado com outra questão em suas anotações, a reconstrução da história da igreja. Junto com esta imagem, um retrato de Jesus sobre o qual não podemos saber praticamente nada, exceto o que a igreja o fez parecer e o que eles acreditavam que ele era, é que muitas vezes a história da igreja é meio que reconceitualizada para ficar assim.

Na verdade, nos primeiros três ou quatro séculos da igreja primitiva, não havia uma visão única de Jesus Cristo. Havia diferentes cristianismos. Você notará em suas anotações que tenho um indivíduo chamado Bart Ehrman e ao lado dele o título de uma de suas obras que é Cristianismos Perdidos, no plural.

Então, o que ele está dizendo é isso, e o que muitos estudiosos estão dizendo é que o Cristianismo era muito pluralista no primeiro século. Não havia uma visão dominante do Cristianismo ou de quem era Cristo e só mais tarde é que isso finalmente emergiu. Isso foi vários séculos depois, os vencedores, os mais poderosos, decidiram como seria o Cristianismo, e aqui está o que diremos sobre Jesus Cristo.

E então, novamente, o que encontramos nos Evangelhos é simplesmente um reflexo de um elemento do Cristianismo e de quem eles pensavam que Jesus era, mas não é o único e certamente não é o dominante de acordo com esta visão. Agora, como avaliamos isso? Em primeiro lugar, não sei se tenho isto nas suas notas ou não. Em primeiro lugar, a título de avaliação, parece-me que quando você lê o Novo Testamento, simplesmente não é verdade que o Cristianismo tolerasse uma variedade de perspectivas e que não houvesse interesse numa visão correta do Cristianismo ou numa visão correta de Jesus Cristo.

Leia os documentos do Novo Testamento e observe como eles estão interessados em preservar a verdade em oposição à falsidade ou ao erro. Veremos que vários documentos do Novo Testamento foram na verdade escritos em resposta a visões desviantes de Cristo ou a visões desviadas da vida cristã, por exemplo. Portanto,

simplesmente não é verdade que a igreja não tivesse interesse no que era verdade ou que simplesmente tolerasse uma diversidade de opiniões desde muito cedo.

Já nos próprios documentos do Novo Testamento, você encontra uma preocupação com o que era verdadeiro, em oposição e contra uma visão falsa de Jesus Cristo. Em segundo lugar, este ponto de vista também parece estar a operar com esta falsa dicotomia entre história e teologia. Se um escritor do Novo Testamento estivesse escrevendo teologia, ele não poderia estar escrevendo história, muitas vezes é assim que acontece.

Mas, novamente, isso me parece uma abordagem ilegítima para a compreensão do Novo Testamento, especialmente os escritos dos evangelhos. Só porque escreveram teologia, só porque tinham uma certa perspectiva e ideologia que tentavam comunicar, não significava necessariamente que distorcessem os factos ou brincassem de forma rápida e solta com os factos. Então, não é verdade que só porque alguém está escrevendo teologia não esteja interessado em história.

Novamente, vimos que os autores do Novo Testamento não estão apenas escrevendo documentos históricos. Eles estão escrevendo documentos teológicos. Eles estão interessados em retratar Cristo de uma certa maneira.

Mas, ao mesmo tempo, não é necessário concluir que eles devem ter entendido a história de forma errada ou que não estavam interessados num relato historicamente preciso dos ensinamentos de Jesus e do que ele fez. Portanto, é incorreto traçar tal disjunção entre história e teologia como se elas não pudessem coexistir. Finalmente, a igreja, há evidências quando você lê os evangelhos, há evidências de que a igreja estava interessada em retratar com precisão a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.

Não menos importante teria sido a confiança e a presença de testemunhas oculares no primeiro século. Pelo menos um escritor do evangelho, Lucas, nos diz claramente em quem ele confia para escrever seu evangelho. Ele menciona claramente a presença de testemunhas oculares nas quais confiou quando escreveu seu evangelho.

Assim, a presença de testemunhas oculares e outros indicadores parecem sugerir que a igreja estava interessada em saber até que ponto os evangelhos registam teologicamente o significado de Cristo, a sua vida e morte, e o seu ensino. Ao mesmo tempo, eles também estão interessados em preservar com precisão o que Jesus fez e ensinou, em vez de fabricar um relato que reflita apenas o que a igreja acreditava e não necessariamente o que o próprio Jesus ensinou e pensou. Então, levantamos a questão no início: podemos confiar em nossos evangelhos? E novamente, antes do trilema de CS Lewis, Jesus era um mentiroso, um lunático ou um Senhor, temos que

perguntar, bem, poderiam os evangelhos ter sido lendas? Sugeri a você que, em vez disso, podemos confiar em nossos evangelhos.

Em primeiro lugar, como disse, teria sido a presença de testemunhas oculares que poderiam ter sido consultadas para manter sob controle a tradição, os ensinamentos e os escritos. Assim, a presença de testemunhas oculares teria dificultado que meras invenções fossem consideradas verdadeiras no primeiro século, especialmente nos evangelhos. Na verdade, às vezes uso esse exemplo e o pego emprestado de Craig Blomberg, que será meu colega no Seminário de Denver quando eu lecionar lá no próximo ano.

Mas Craig Blomberg, que é bem conhecido, refiro-me ao livro dele em suas notas como um recurso muito útil para a confiabilidade histórica dos evangelhos. Uma analogia comum que muitos estudiosos usam para mostrar que os evangelhos não existiam, que imprecisões materiais lendárias, etc., teriam surgido, é o jogo da conversa telefônica. Talvez você já tenha tocado isso em algum ambiente, provavelmente não aqui no Gordon.

Mas se eu começasse e sussurrasse algo no seu ouvido que ninguém mais pudesse ouvir e você passasse adiante, com o tempo, se tivéssemos tempo, poderíamos fazer e você veria como funciona. Quando chegava ao final, geralmente acabava sendo algo completamente diferente do que eu disse e todos riram muito porque às vezes acaba sendo ridículo e não chega nem perto do que eu disse. E isso é muitas vezes visto como uma analogia com o que acontece com os evangelhos.

Como você sabe, é verdade que a maior parte do material que temos nos evangelhos foi transmitido oralmente. Há evidências de que parte disso teria sido escrito e que os escritores dos evangelhos teriam tido acesso a algum material escrito, mas muitos dos ensinamentos de Jesus teriam sido transmitidos oralmente e isso às vezes é difícil para nós concebermos. em nossa era altamente eletrônica e tecnológica onde tudo é repassado por e-mail ou algo parecido ou no Facebook ou qualquer outra coisa. Mas no primeiro século, muita informação teria sido transmitida oralmente e muitos dos ensinamentos de Jesus teriam sido preservados e transmitidos oralmente.

Na verdade, diz-nos Paulo, que o apóstolo Paulo nos diz que foi assim que ele recebeu o evangelho, foi-lhe transmitido oralmente. Mas alguns pegam isso e usam essa analogia do telefone, ou seja, novamente, se eu sussurrasse algo para você e você passasse adiante quando chegasse ao final da sala, pareceria ridículo e alguns diriam foi isso que aconteceu com os evangelhos. À medida que fossem repassados, teria sido acrescentado e talvez mal compreendido e, quando finalmente chegar a Mateus, Marcos, Lucas e João, o que eles escreverem obviamente será embelezado, acrescentado e muito diferente do que realmente é. ocorrido.

Mais uma vez, Craig Blomberg diz que o único problema com essa analogia é que uma analogia melhor seria devido à presença de testemunhas oculares e talvez até de outro material escrito para mantê-la sob controle. Uma analogia melhor seria se cada sétima pessoa que eu dissesse, agora levante-se e me diga o que eu disse. E se eles estiverem errados, então eu poderia corrigi-los e então eles começariam e passariam por mais sete e então eu diria a essa pessoa, levante-se e me diga o que você ouviu. E, novamente, se estivesse incorreto, eu seria capaz de corrigi-los para garantir que o produto final seria em grande parte correto e seria um reflexo preciso do que eu disse.

Portanto, a presença de testemunhas oculares provavelmente desempenhou um papel significativo para evitar que a tradição se tornasse simplesmente um retrato impreciso e gratuito de quem era Jesus. A concordância entre os Evangelhos é interessante, enquanto muitos são rápidos em apontar as discrepâncias, as chamadas discrepâncias, ou diferenças nos Evangelhos, o que é interessante são as semelhanças e os acordos entre Mateus, Marcos, Lucas e João que apontam a uma tradição bastante estável, em vez de uma transmissão descontrolada de material. Como muitas informações podem ser confirmadas historicamente, vou indicar um livro que responderá a algumas dessas perguntas.

E quando percebemos e quando levamos em conta a natureza dos próprios Evangelhos, novamente, quando consideramos e levamos em conta o fato de que os Evangelhos não estão tentando dar-lhe um relato detalhado, palavra por palavra, exatamente tudo o que Jesus disse e eles não estão tentando fornecer uma biografia detalhada de tudo o que Jesus disse, quando percebemos que os escritores podem resumir o discurso de Jesus, quando percebemos que às vezes eles podem extrair o significado do que Jesus quis dizer e o significado das coisas que Jesus fez, quando as medimos à luz do que eram padrões aceitáveis de escrita no primeiro século, então parece-me que a resposta à pergunta, podemos confiar nos nossos Evangelhos, é um retumbante sim. E eu, novamente, listei um livro no final da página de um dos livros mais úteis sobre a confiabilidade histórica dos Evangelhos, um livro com esse nome, de Craig Blomberg, que analisa e examina uma série de passagens, especialmente passagens dos Evangelhos que aparentemente contradizem ou parecem conflitantes e ele fornece soluções plausíveis que demonstram que não há necessidade de questionar a confiabilidade dos Evangelhos. Não há necessidade de vê-los como meras invenções ou apenas reflexos do que a igreja pensava, apenas reflexos da fé da igreja, não enraizados na realidade, na realidade histórica, mas essa é a fiabilidade histórica dos Evangelhos de Craig Blomberg.

Infelizmente, a data de 1987 foi a publicação original. Ele foi revisado nos últimos anos, portanto há uma versão revisada. Só não atualizei minhas anotações ainda para refletir isso.

Tudo bem, alguma dúvida até agora? Há muito mais que poderia ser dito. Resumi isso de uma forma dolorosamente breve, mas alguma outra pergunta? Novamente, eu recomendo que você dê uma olhada no livro de Blomberg se estiver interessado em aprofundar mais nisso. Sim? Claro, esse certamente seria o caso.

Só estou pensando que se vou responder a alguém que não acha que esse é o caso, então realmente não me levaria a lugar nenhum dizer, bem, isso foi escrito pela inspiração do Espírito Santo, portanto é preciso. Para alguém que não acredita nisso, examinarei algumas dessas outras coisas, mas certamente concordaria, em última análise, que por trás de tudo isso está o Espírito de Deus guiando os escritores, como até mesmo um dos Evangelhos afirma ser o caso. , que o Espírito de Deus guiava os escritores para que produzissem o que eles produzissem, sem tirar a humanidade, novamente, leia Lucas 1:1-4. Lucas passou por um processo muito humano de compilação de uma bibliografia no primeiro século, mas, ao mesmo tempo, você está absolutamente certo, percebendo que o Espírito Santo trabalhou através desse processo para que o resultado final fosse nada menos que a Palavra de Deus para nós.

Certo, outra coisa a dizer sobre os Evangelhos em geral, e é quando você lê Mateus, Marcos e Lucas em particular, João é um pouco diferente. Falaremos sobre quando chegarmos ao Evangelho de João, o quarto Evangelho, faremos a pergunta: por que parece tão diferente de Mateus, Marcos e Lucas? Você descobre que não apenas a linguagem é muito diferente, mas você encontra muitos relatos e coisas que Jesus ensinou em João que você não encontra em nenhum lugar em Mateus, Marcos e Lucas. Então, faremos a pergunta: por que João é tão diferente dos outros três Evangelhos? Mas a questão que quero focar é: por que Mateus, Marcos e Lucas, os três primeiros Evangelhos, são tão semelhantes entre si? Esperançosamente, você está atualizado, manteve sua leitura do Novo Testamento, e isso significa que você já leu Mateus, Marcos e Lucas e, esperançosamente, há uma sensação de déjà vu enquanto você lê isto isto é, quando você passa por Luke, é tipo, cara, eu já vi esse material duas vezes.

Às vezes, torna-se quase repetitivo, porque Mateus, Marcos e Lucas têm uma sobreposição bastante extensa entre eles, não apenas no conteúdo que transmitem e na ordem, mas às vezes até mesmo no texto, na forma como os Evangelhos são formulados e na forma como as coisas são colocadas juntas. Então isso é o que é conhecido, ou o que os estudiosos chamam, e espero que você tenha aprendido isso em seu livro, isso é o que os estudiosos chamam de Problema Sinóptico. Ou seja, o Problema Sinóptico é um termo que se refere a qual é a relação entre Mateus, Marcos e Lucas. Como explicamos o fato de que esses três Evangelhos, quando vistos juntos, portanto sinópticos, quando vistos juntos, quando vistos juntos, esses três Evangelhos se assemelham muito?

Como você explica isso? Como você explica as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas? Novamente, não se trata apenas da ordem dos acontecimentos; eles incluem parte do mesmo material, até o texto exato de diversas seções de Mateus, Marcos e Lucas. Quando Mateus, Marcos e Lucas se referem a um determinado evento ou a uma determinada frase de Jesus, as palavras são quase idênticas. É tão próximo que se eu conseguisse três artigos de pesquisa seus que fossem tão parecidos quanto Mateus, Marcos e Lucas em termos de redação, provavelmente ligaria para você e perguntaria o que está acontecendo, porque suspeitaria de algum tipo de colaboração.

Então, a questão é: como explicamos as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas? Aqui está um exemplo. Este é o versículo que leva a... Mateus, Marcos e Lucas registram a transfiguração de Jesus. Lembre-se, mais ou menos na metade de cada um dos Evangelhos, Jesus sobe a uma montanha com Pedro, Tiago e João, e é transformado ou transfigurado diante deles, o que é conhecido como transfiguração nos três Evangelhos.

O versículo que antecede isso está em Mateus 17.1, e depois de seis dias, Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os conduziu sozinhos a um alto monte. Agora quero que você perceba que esta não é uma citação de Jesus. Você pode argumentar às vezes, bem, se eles eram semelhantes nas citações de Jesus, isso significava apenas que eles tinham acesso ao mesmo material.

Que todos eles estavam citando Jesus de maneira justa, palavra por palavra. Mas isto não é uma citação. Isso faz parte da própria narrativa de Mateus.

Ele escreveu isso. Ele não está citando a palavra de outra pessoa. Este é o seu relato narrativo, que conduz aos eventos da transfiguração de Jesus.

Aqui está Marcos, capítulo 9, e depois de seis dias, Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, e os conduziu sozinhos a um alto monte. É interessante. Não me lembro qual tradução estou seguindo.

Isto pode ser meu, mas estou tentando também refletir como seria o texto grego. Mas você vê Marcos e Mateus, e o que é significativo, isso não é uma citação do que alguém está dizendo, são comentários narrativos dos próprios autores. Aqui está Lucas.

Desculpe se estou ficando um pouco desanimado aqui para alguns de vocês. Agora, cerca de oito dias depois disso, observe que Lucas usa oito dias. Neste momento não vamos explicar por que ele faz isso, mas ele levou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte para orar.

Então, Lucas tem isso um pouco diferente, mas ainda assim, é interessante que ele tenha aproximadamente a mesma ordem de referência dos oito dias, a menção de Pedro, Tiago e João, embora ele troque Tiago e João, e então o fato de ele ter subido uma montanha. Mas Lucas acrescenta que foi orar, o que, curiosamente, Jesus orando é um tema muito comum em Lucas. Você acha que isso é enfatizado continuamente.

Então isso pode explicar por que Luke tem e os outros não. Mas como devemos explicar isso? E isso simplesmente não é esse versículo. Está tudo acabado com Mateus, Marcos e Lucas.

Novamente, se eu tivesse três artigos que tivessem tanta semelhança verbal que encontro nesses três versículos, eu teria que conversar com você e talvez com o reitor para descobrir o que aconteceu. Ou eu poderia fazer com que você enviasse para o SafeAssign e ele pegaria ou algo parecido. Mas, novamente, estes não são apenas estes três versículos.

Isso é difundido em Mateus, Marcos e Lucas. E a questão é: o que está acontecendo e como explicamos isso? Isso é conhecido como problema sinóptico. Como explicamos a relação entre Mateus, Marcos e Lucas, três documentos que revelam semelhanças tão impressionantes não apenas na ordem dos acontecimentos, mas também no texto, até mesmo no próprio texto?

Houve uma série de tentativas, e isso está na seção quem está usando quem em seu notebook. A primeira é que alguns sugeriram que, apesar desta semelhança, os evangelhos são, na verdade, independentes um do outro. Ou seja, eles foram escritos de forma independente, sem nenhum conhecimento um do outro.

Existem algumas maneiras de entender isso. Alguns atribuíram isso simplesmente à inspiração do Espírito Santo porque Mateus, Marcos e Lucas foram inspirados pelo Espírito Santo, no qual acredito, é isso que explica as semelhanças. O problema com essa visão é: e as diferenças? Apesar dessas semelhanças, sabe, o que aconteceu aqui? O Espírito Santo ficou cansado e Lucas não entendeu tudo o que o Espírito Santo queria dizer ou o que aconteceu? Portanto, isso não explica algumas das diferenças que você encontra em Mateus, Marcos e Lucas.

Então, sim, afirmo que o Espírito Santo inspirou estes documentos, mas será que isso explica as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas? Outra abordagem é que Mateus, Marcos e Lucas tiveram acesso a uma tradição oral comum. Lembre-se de que dissemos que muito do material do evangelho foi transmitido oralmente até ser finalmente escrito em Mateus, Marcos, Lucas e João. Assim, alguns sugeriram que Mateus, Marcos e Lucas eram independentes um do outro, mas apenas se baseavam na mesma tradição oral que lhes foi transmitida.

E isso explica as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas. Isso é possível. Contudo, a maioria dos estudantes e estudiosos do Novo Testamento preferem ver algum tipo de dependência ou relacionamento literário.

Ou seja, um dos evangelhos foi escrito primeiro e os outros dois utilizaram esse evangelho, ou algum tipo de explicação desse tipo. Isto é, um ou mais evangelhos usavam um ou mais dos outros evangelhos. Há algum tipo de cópia, empréstimo ou relacionamento entre Mateus, Marcos e Lucas.

E isso explica a semelhança no texto. Novamente, o que há de significativo nisso? Isto é narrativa. Esta não é a citação em algum discurso.

Este é o comentário narrativo dos próprios autores. Então, a explicação comum é que existe algum tipo de relacionamento literário. Um ou mais desses escritores dependem de outro.

Agora, tem havido diferentes maneiras, ponto número dois, maneiras pelas quais isso foi explicado. Ponto número dois em suas notas, Santo Agostinho, um dos primeiros pais da igreja, pensou Santo Agostinho, e isso pode explicar a ordem dos evangelhos em seu Novo Testamento, Mateus, Marcos e Lucas. Santo Agostinho pensava que Mateus foi escrito primeiro.

Não sei se tenho isso em minhas anotações. Não. Santo Agostinho pensava que Mateus foi escrito primeiro e que Marcos foi escrito em segundo lugar e usou Mateus como uma de suas fontes.

E então Lucas foi escrito em terceiro lugar e Lucas na verdade tomou emprestado de Marcos e Mateus. Então, Mateus foi escrito primeiro, o primeiro evangelho que ele escreveu sozinho. Marcos apareceu e escreveu seu evangelho usando Mateus como uma de suas fontes, uma espécie de base.

E então Lucas escreveu o terceiro e quando escreveu, usou Mateus e Marcos como sua fonte principal. Novamente, essa visão provavelmente explica por que você tem os evangelhos na ordem em que ocorrem, Mateus, Marcos e Lucas. Talvez uma das razões no Novo Testamento.

Essa é uma possibilidade. A visão dominante, porém, que a maioria das pessoas parece defender hoje, é a seguinte. Marcos foi o primeiro evangelho escrito e Mateus e Lucas usaram Marcos como base.

Então, Marcos escreveu por conta própria, foi o primeiro evangelho escrito, e então Mateus e Lucas teriam tido acesso a Marcos e usaram Marcos como uma espécie de base para escrever seu próprio evangelho. Essa é a maneira mais comum de

entender essas diferenças. Assim, Marcos teria sido escrito primeiro, Mateus e Lucas usaram Marcos, independentemente um do outro.

Mateus e Lucas talvez não soubessem que o outro estava escrevendo o evangelho. Eles não estavam confiando um no outro. Eles escreviam de forma independente, mas ambos tinham acesso a Mark.

E é isso que explica as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas. Agora, quero avançar para este gráfico. Você notará a segunda coisa em suas anotações em que Mark escreveu primeiro.

Então, aqui está Marcos. O objetivo disso é refletir o fato de que este gráfico irá mostrar a você uma maneira comum de entender a relação entre os evangelhos. Marcos teria sido escrito primeiro, e espere, explicarei isso em um momento, e então Mateus e Lucas teriam utilizado Marcos separada e independentemente.

Agora, você pode perguntar, então por que eles pegariam Mark emprestado? Veremos isso daqui a pouco, mas um escritor bem conhecido, no início do século II, na igreja, na verdade descreveu Marcos como um colaborador próximo e intérprete de Pedro. Então, Pedro recebeu o destaque de Pedro. Lembre-se, ele foi uma das pessoas que subiu ao monte quando Jesus foi transfigurado nesses textos que acabamos de mostrar.

Portanto, dada a proeminência de Pedro, se Marcos é o intérprete de Pedro e um colaborador próximo de Pedro, dada a estatura de Pedro no primeiro século, isso pode ter sido razão suficiente para Mateus e Lucas quererem usar o seu evangelho como uma espécie de uma base para os seus próprios. Então Marcos foi escrito primeiro, Mateus e Lucas seguiram Marcos. Agora, outra coisa interessante que você descobre quando lê os evangelhos é que há muito material em Mateus e Lucas que você não encontra em Marcos.

Por exemplo, o Sermão da Montanha. Não há registro do Sermão da Montanha em Marcos, mas tanto Lucas quanto Mateus o possuem. E aponta, o texto novamente é muito, muito, muito próximo.

Agora o caminho, e há outros lugares. Há outros lugares onde Mateus e Lucas têm material muito semelhante, mas você não o encontra em nenhum lugar de Marcos. Como você explica isso? Bem, os estudiosos inventaram o que é chamado de Q. A palavra Q significa simplesmente a palavra alemã fonte.

Há divergências sobre se isso foi escrito ou oral ou algo assim, e não estou interessado em descobrir. Na verdade, especularam os estudiosos, eles até criaram uma comunidade que produziu Q e aquilo em que a comunidade de Q acredita. Eles meio que acumulam especulações em cima de especulações.

Tudo o que quero dizer com isso é que Q simplesmente representa o material que você encontra em Mateus e Lucas, como o Sermão da Montanha, mas não o encontra em nenhum lugar de Marcos. Ou a narrativa do nascimento, a narrativa do nascimento de Jesus que se encontra em Mateus e Lucas, mas não a encontra em Marcos. Novamente, os estudiosos usam a palavra Q para designar isso.

Então, o que isso sugere é que Marcos foi escrito primeiro, talvez refletindo o ensino e a pregação de Pedro, como um colaborador próximo de Pedro. Dado isso, Mateus e Lucas teriam usado Marcos como fonte primária na construção de seu próprio evangelho, e Mateus e Lucas também tiveram acesso, talvez, a outro documento ou outro conjunto de informações que os estudiosos chamam de Q, que daria conta do material que você encontra em Mateus e Lucas, como o Sermão da Montanha, mas você não o encontra em nenhum lugar de Marcos. Então, novamente, o objetivo disso é que não estou interessado em chegar a uma conclusão firme.

É importante que você saiba, ao ler os evangelhos, por que eles são tão semelhantes. O que está acontecendo? Como explicamos a semelhança entre Mateus, Marcos e Lucas? Agora, voltemos às razões para ver Marcos como o primeiro evangelho. Por que a maioria das pessoas pensa que Marcos foi escrito primeiro? Em primeiro lugar, Mateus e Lucas parecem muitas vezes suavizar Marcos? Especialmente quando Marcos escreve de uma forma que pode ser um pouco estranha ou que pode ser mal interpretada, muitas vezes você encontra Mateus e Lucas tentando acalmá-lo para esclarecer. Por exemplo, em um lugar, Jesus está conversando com um jovem governante rico, e o jovem rico chama Jesus basicamente de algo como um bom professor, Jesus em Marcos, Jesus responde, por que você me chama de bom? O que poderia estar implícito nisso? Quando Jesus diz, por que você está me chamando de bom? Quero dizer, o que alguém poderia concluir disso? Sim, Jesus não é bom.

Por que você está me chamando de bom? Eu não sou. Não foi isso que Marcos quis dizer, mas pode ser entendido dessa forma. Curiosamente, Mateus diz: por que você me pergunta sobre o que é bom? Talvez, mais uma vez, para tentar esclarecer um potencial mal-entendido.

Essa pode não ser a única razão pela qual Mateus diz isso, mas há exemplos como esse em que Mateus e Marcos parecem condensar ou suavizar Marcos, ou Mateus e Lucas parecem condensar ou suavizar Marcos. Isso é o que você esperaria. Você esperaria que se Mateus e Marcos ou Mateus e Lucas estivessem tomando emprestado de Marcos, você esperaria que eles condensassem e suavizassem as coisas.

Você não esperaria que alguém complicasse algo ou o tornasse mais difícil ou potencialmente mal compreendido. Então essa é uma razão pela qual muitos

pensam que Marcos foi escrito primeiro. Em segundo lugar, outra razão é que a maior parte de Marcos é encontrada tanto em Mateus como em Lucas.

Noventa por cento, noventa e sete por cento do evangelho de Marcos é reproduzido em Mateus. Quase noventa por cento, oitenta e oito por cento são reproduzidos em Lucas. Novamente, isso é o que você esperaria.

Mateus e Lucas usariam a maior parte de Marcos, mas também incluiriam outro material. Novamente, isso é outra coisa que muitos estudiosos apontam, argumentar que Marcos foi escrito primeiro. As diferenças, outra, quando Mateus, Marcos e Lucas são paralelos, quando você olha para os três, ou seja, quando compara Mateus, Marcos e Lucas e seus ensinamentos, Mateus e Lucas quase nunca discordam de Marcos.

Eles quase, Mateus e Lucas quase nunca se desviam de Marcos ao mesmo tempo. Mas às vezes Mateus e Marcos fazem isso a partir de Lucas, e Lucas e Marcos fazem a partir de Mateus. Esta é apenas uma maneira complicada de dizer, se eles estão pegando emprestado, se Mateus e Lucas estão pegando emprestado de Marcos, isso é o que você esperaria, que juntos eles nunca discordariam ou se desviariam de Marcos de alguma forma.

Portanto, esta é apenas mais uma razão pela qual, quando comparamos os três evangelhos, quase nunca, quase nunca, encontramos Mateus e Lucas afastando-se de Marcos da mesma maneira. Eles dizem que isso é o que você esperaria, dizem eles, se Mateus e Lucas estivessem utilizando Marcos. Portanto, para concluir, não vou assumir uma determinada visão de Mateus, Marcos e Lucas.

Em vez disso, o que penso ser mais importante para nós fazermos é, quando comparamos Mateus, Marcos e Lucas, notar como eles diferem um do outro. Observar, novamente, observar o que cada um dos evangelhos parece enfatizar em detrimento dos outros. Novamente, quando comparo Mateus e Lucas, a história do Natal, por que Lucas tem a história dos pastores, mas Mateus não? Em vez disso, Mateus inclui a história dos magos, ou dos chamados sábios, vindo a Jesus, e parece não conhecer ou não se importar com a história dos pastores.

Por que é que? Como explicamos isso? Novamente, quando você volta ao nosso exemplo aqui, quando comparo esses três, por que Lucas tem oito dias em vez de seis? E por que ele menciona que eles subiram para orar quando os outros escritores dos evangelhos não o fizeram? Então é isso que estou mais interessado em fazer. Quando temos três escritos que falam e falam sobre o mesmo tema, é importante perguntar: por que eles o apresentam dessa maneira? O que eles estão tentando transmitir? Como, quando comparamos Mateus, Marcos e Lucas, quais são os distintivos teológicos de cada um dos evangelhos que se destacam e são enfatizados? Ou os outros evangelhos não o fazem, ou pelo menos até certo ponto

que os outros evangelhos não o fazem. E é assim que abordarei os evangelhos à medida que começarmos a passar por Mateus, Marcos e Lucas.

Às vezes, examinaremos textos específicos, mas estou mais interessado em focar quais são os temas teológicos únicos que você encontra Mateus, Marcos ou Lucas enfatizando na maneira como organizam seus evangelhos, na maneira como enfatizam certas coisas. , na maneira como retratam Jesus, etc.

Este é o Dr. Dave Mathewson apresentando sua História e Literatura do Novo Testamento, palestra 6, Gênero e os Sinópticos.